

O papel da educação na transição democrática

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO
Reporter Especial

Qual é a função da Igreja na educação brasileira? Que papel cumpre o processo educacional neste momento de transição democrática? Como o sistema educacional brasileiro trata a questão étnica?

Estes assuntos serão objeto de três grandes pesquisas que o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas), organismo do Ministério da Educação, pretende desenvolver, ainda na gestão de Marco Maciel e Vanilda Pereira Paiva, ela, a nova diretora do Instituto.

Como se vê, além de incentivar pesquisas variadas, Vanilda deseja colocar em discussão, três temas dos mais polêmicos: Educação e Igreja; Educação e Transição Democrática e Educação e Etnia. Este último tema, em especial, merece, na compreensão da diretora do INEP, tratamento prioritário, "já que em 1988, estaremos comemorando o centenário da Abolição da Escravatura".

Vanilda Pereira Paiva, 42 anos, é carioca. Antes de assumir o INEP, ela se notabilizou por sua atuação, marcada por polêmicas discussões. Nos últimos anos, através de teses, ensaios e artigos, ela "comprou brigas" com Paulo Freire, com educadores do "neo-anarquismo católico" e com o vice-governador do Rio, Darcy Ribeiro.

Com formação na área de Educação e Sociologia, Vanilda vem se revelando uma das mais inquietas pesquisadoras do País. Professora da Universidade Federal Fluminense, ela

traz experiência de magistério na Federal do Rio Grande do Norte e na Unicamp, de Campinas/SP. É autora de uma volumosa história da educação popular, contada no livro **Educação Popular e Educação de Adultos**, 400 páginas, editado em 1973, pela Loyola. Vanilda lembra que este livro é muito utilizado em escolas de Pedagogia, por conter volumoso corpo de informações confiáveis e muito úteis. Ela só lamenta que o título seja "tão inadequado". Sua obra mais polêmica, porém, só foi publicada em 1980 — **Paulo Freire e o Desenvolvimento Nacionalista** — livro que contém a essência de sua tese de doutorado, defendida na Alemanha. Sobre este livro, Vanilda comenta:

— Quando estudante, minha geração tinha enorme curiosidade pelo trabalho de Paulo Freire, em especial por seu método de alfabetização, que era repellido pelos meios oficiais. Talvez por isto, ao escolher o tema de minha tese de doutorado, eu tenha me debruçado sobre a obra de Freire, e mais especificamente, sobre o contexto histórico que o gerou. Eu quis explicar como apareceram Paulo Freire e sua proposta pedagógica. Por que ele pensa de tal ou tal maneira, me perguntei. Assim, em todo o livro, mostro que seu pensamento resultou de um determinado contexto sócio-político-cultural.

— O livro não agradou muito a Paulo Freire e aos paulofreiristas!

— Mas isto só aconteceu porque Paulo Freire

tornou-se o guru de certos setores da Educação. Eu, que não sou muito afeita a ídolos, pude me debruçar sobre o que me interessava: entender e explicar este tipo de método, de ideia pedagógica. O resultado deste trabalho é que terminei escrevendo uma espécie de história das ideias do período, quando o ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) ocupou espaço especial e quando ampliou-se a ação dos setores católicos de esquerda.

Ano passado, Vanilda organizou coletânea, editada pela Graal, intitulada **Perspectivas e Dilemas da Educação Popular**. Neste

A
Uma pode ser eventualmente ouvida, mas entendemos que os interesses de professores e estudantes são diferentes

livro, além da introdução, ela publicou o artigo **Notações para um Estudo do Populismo Católico e a Educação no Brasil**.

Nas próximas semanas, saem dois novos livros, onde Vanilda dá sua contribuição: **Igreja e Questão Agrária** (pela Loyola), que publica palestras e debates proferidos em seminário sobre o tema; e **Educação Permanente e Capital Tardio**, pela Cortez, em parceria com Henrique Rattner.

POLEMICA OU BRIGA?

Em setembro passado, Vanilda fez severas críticas ao projeto educacional

do Governo Brizola, que tem em Darcy Ribeiro, Vice-governador e secretário de Cultura, Ciência e Tecnologia, um de seus suportes teóricos.

Vanilda conta que "muita gente, no Rio, estava e está descontente com o que vem acontecendo na área educacional, no Estado". Por isto, ao ser convidada para falar na Câmara Municipal, dentro das solenidades do Centenário de Pedro Ernesto, ela achou por bem "contestar a pretensão dos atuais administradores cariocas de estabelecer analogia entre sua ação e a reforma de Fernando Azevedo e Anísio Teixeira".

Ao ler, na Câmara, seu discurso, conta ela, "o constrangimento foi grande". Afinal, a mesa da Câmara Municipal era, em maioria, pedetista, e estava presente a secretária de Educação do município, Maria Leda Linhares. Em sua palestra, intitulada **De Que Espólio Falamos?** ela questionou alguns dos fundamentos da política educacional de Ieda Darcy e Brizola. Semanas depois, o longo artigo foi publicado no **Folhetim**.

Ai, então, lembra ela, "ao invés de discutir as ideias contidas no meu artigo, Darcy Ribeiro preferiu partir para o ataque pessoal", quem acompanhou a polêmica lembra-se de irada carta de Darcy à imprensa paulista, onde o vice-governador do Rio chamou Vanilda de "educadora vadia".

Mas Vanilda não se arrefece. Seus artigos questionam, também, a ação de

grupo de educadores que ela define como "Neo-Anarquista Católico". Este grupo, segundo a pesquisadora, "compõe-se de educadores que atuam dentro da Igreja, defendendo ideias difundidas pelos anarquistas russos do século passado".

— Este setor liga-se a Paulo Freire, que é marxista-católico?

— Não. São setores mais radicais que Freire. Este é bem diretivo. Só às vezes, oscila rumo a não-diretividade. Já os "Neo-Anarquistas Católicos" pregam uma não-diretividade anarquista. Este grupo tem origem católica, embora alguns deles nem sejam católicos. Eles compõem setores muito funcionais à Igreja, e apoiam uma suposta ultra-esquerda e, por isto, acabam fortalecendo a direita.

O NOVO INEP

Como entender que uma pesquisadora com atividade tão polêmica e questionadora, aceite cargo de diretora do INEP, organismo que pertence a um ministério dirigido por um político do Partido da Frente Liberal?

Vanilda responde à provocação: "Aceitei o cargo, primeiro porque tenho postura clara, exposta na polêmica com os Neo-Anarquistas Católicos". Se eles se negam a participar, nós, um grupo de educadores que se formou na oposição ao regime, de 15 anos para cá, temos esperança na Aliança Democrática. Acreditamos que a Aliança nos possibilitará uma transição o mais tranqüila possível, permitindo que a democracia se solidifique,

com o mínimo de fricção possível. Hoje, está-se tornando, cada vez mais claro, que as posições do novo Governo — e aí incluo o ministro da Educação — são em muito coincidentes com as do grupo de educadores ao qual me filio.

— Que posições coincidentes são essas?

— A posição em relação ao ensino básico. Sempre denunciávamos que havia certo descuido em relação ao ensino básico, como denunciamos, também, o Moral. E agora, este tipo de questão começa a ser tratado de outra maneira. Ano passado, na terceira CBE

A
Aceitei o cargo de diretora do INEP porque tenho postura clara, exposta na palestra com os neo-anarquistas católicos

(Conferência Brasileira de Educação), em palestra sobre o **Momento Brasileiro e a Educação**, denunciávamos que as matrículas do I Graú estavam crescendo mais lentamente que o aumento da população, o que significa um aumento do número de analfabetos. No dia seguinte a este simpósio, a equipe de Marco Maciel entrou em contato conosco, buscando informações e aprofundamento do contato.

— Você foi convidada, pessoalmente, por Marco Maciel?

— Gostaria de ser poupa-

da deste tipo de explicação. — **Tudo bem. Fale então da nova orientação que você dará ao INEP.**

— Dizem que minha nomeação foi comemorada não nos gabinetes, mas sim nos corredores.

— O que significa isto?

— Significa que os funcionários do INEP ficaram satisfeitos com a possibilidade de mudança, esboçada com a escolha do meu nome. Por isto, minha primeira atitude foi mudar o clima da casa, tornando-o menos tenso, sem conflitos, para que os funcionários possam se sentir valorizados e estimulados a dar o melhor de si mesmos. Por isto, tenho promovido várias reuniões, para que os planos sejam feitos coletivamente. Por isto, estamos ouvindo a comunidade da área, através de entidades como a Andes (Associação Nacional de Docentes de Ensino Superior), Anpede (Associação Nacional de Profissionais da Educação) e universidades onde há importantes cursos de pós-graduação em Educação.

— E a UNE (União Nacional de Estudantes) será ouvida?

— Pode até, eventualmente, ser. Entendemos que os interesses dos professores da área e os dos estudantes são diferentes. Mas não estamos fechando nossa ação apenas aos profissionais da Educação. Estamos nos abrindo em direção às Ciências Sociais. Não sou, de maneira alguma, fechada nos limites do pedagógico.

— **Que tipo de pesquisa o INEP deseja financiar?**

— O INEP não é apenas um financiador de pesquisas. É interessante lembrar que este órgão é uma espécie de matriz do Ministério da Educação. Ele foi criado em 1938, e durante muito tempo, cumpriu funções muito diferenciadas. O INEP cumpriu até função administrativa, quando administrou o Fundo Nacional de Ensino Primário (que construiu escolas) e desenvolveu a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos. Na gestão de Anísio Teixeira, criou-se a Capes (Centro de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior). O INEP, além do mais, contava com centros regionais, de importante atuação. Depois de 64, deu-se o enfraquecimento político do órgão.

— **Como diretora do INEP, você terá tempo para continuar suas pesquisas?**

— Por enquanto não, pois estamos ocupados em estabelecer a nova orientação do INEP. Se estivesse disposta a assumir autoritariamente o órgão, tudo transcorreria sem muito gasto de tempo. Porém, como queremos ouvir os representantes da comunidade acadêmica, o processo corre mais lentamente. Já ouvi professores do Rio e SP. Semana passada estive no Nordeste. Nesta semana, irei a Minas. Dia 17, ouvirei a comunidade acadêmica de Brasília. Depois, irei ao Sul. Espero, ao fim destas primeiras reuniões, gerar um certo consenso no meio e definir prioridades.